

Versão Online ISBN 978-85-8015-037-7
Cadernos PDE

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE

2007

VOLUME I

UM ESTUDO SOBRE EFEITOS DE SENTIDO PRODUZIDOS PELOS ENUNCIADOS EXPOSTOS EM PÁRA-CHOQUES DE CAMINHÕES

Claci Fátima Lavall¹

Luciane Thomé Schröder²

RESUMO: A partir da concepção da Análise de Discurso Francesa, objetiva-se refletir sobre os efeitos de sentido produzidos por quatro enunciados expostos em pára-choques de caminhões. Acredita-se que estes provoquem a curiosidade de quem lê em função de seu caráter cômico-irônico. Com este estudo pretende-se levar o leitor a perceber sua função de atribuidor de sentidos e não apenas decodificar de letras e símbolos, devido ao fato de que, para o reconhecimento de sentidos que se instauram nesses enunciados é preciso recorrer aos aspectos socioculturais e também ideológicos, isto é, que pertencem ao mundo extralingüístico. Os provérbios e enunciados de pára-choques são, pode-se dizer, expressões amplamente utilizadas no nosso cotidiano, dividindo-se em temas que resgatam valores e/ou formas de pensar o mundo de alguns setores da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Discurso. Cultura. Provérbios.

ABSTRACT: Starting from conception of the French Analysis of Speech, it is aimed at to contemplate on the sense effects produced by three statements exposed in bumpers of trucks. Believed that these provoke the curiosity of who reads in function of his comedian-ironic character, with this study it intends to take the reader perceive the function of attribution of senses and just not to decode letters and symbols, due to the fact that, for the recognition of senses that they are established in those statements it is necessary to appeal to the aspects cultural-partner and also ideological, that is, that belong to the world intralinguistic. The proverbs and statements of bumpers are, can be said, expressions thoroughly used in our daily one, becoming separated in themes that rescue values and/or forms of thinking the world of some sections of the society.

KEY-WORDS: Reading, Speech, Culture, Proverb.

¹ A autora é professora de Língua Portuguesa e atua na Rede Pública de Ensino do Estado do Paraná desde 1996. Este trabalho é resultado de participação no Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), Turma 2007/2008.

² Professora Orientadora vinculada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Cascavel.

1 INTRODUÇÃO: A PRÁTICA DA LEITURA

As pesquisas em estudos da linguagem vêm revelando cada vez com maior ênfase que a leitura tem sido o cumprimento de uma formalidade. Ao priorizar o processo de associar sons e letras, decodificar palavras isoladas, formar frases e períodos, tem-se afastado o leitor do real sentido da leitura, que significa um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagens (imagética ou escrita).

Neste trabalho, parte-se do princípio de que ato de ler caracteriza-se como um acontecimento histórico e estabelece uma relação igualmente histórica entre o leitor e o texto.

O leitor competente ultrapassa a compreensão da superfície textual, já que ler é mais do que o entendimento das informações explícitas, consiste num processo dinâmico entre sujeitos que instituem trocas da experiência por meio dos discursos que enunciam no texto.

Quando lemos estamos produzindo sentidos (reproduzindo-os ou transformando-os). Mais do que isso, quando estamos lendo, estamos participando do processo (sócio-histórico) de produção de sentidos e o fazemos de um lugar e com uma direção histórica determinada (ORLANDI, 2005, p.59).

Ampliar a noção de leitura pressupõe transformações na visão de mundo em geral, e na cultura em particular do sujeito que lê, isso se deve, em partes, pelas inter-relações que o sujeito estabelece entre os diferentes saberes aos quais tem acesso.

A língua, evidentemente, é produto de toda a sociedade, de todas as classes sociais, de todos os homens, no decurso de várias gerações. Ela é resultado e base da práxis, a qual, compreende a realidade e o homem, o conhecimento da realidade e sua constante modificação. A linguagem, permanentemente, revela e mascara essa realidade.

(BACCEGA, 1995, p. 42).

O domínio da leitura é imprescindível para a participação efetiva do ser humano no meio social em que vive devido às variedades da língua que são faladas tanto no âmbito social como no âmbito regional e que organizam, por isso, uma pluralidade de discursos. Por meio da leitura ocorre a inserção do sujeito em um universo discursivo, aumentando qualitativamente sua capacidade crítica. “Na linguagem, o homem se reconhece humano, interage e troca experiências, compreende a realidade em que está inserido e percebe seu papel como participante da sociedade” (DCE – LÍNGUA PORTUGUESA, 2006, p.20).

A realidade discursiva cotidiana, foco das atenções neste trabalho, apresenta inúmeras manifestações culturais originárias das camadas sociais menos abastadas, cuja força discursiva têm feito perdurar por muito tempo modos de compreender o meio social, daí sua relevância quando, por exemplo, materializam-se em enunciados que circulam instituindo valores e crenças.

Para Lajolo (2005, p.95):

Há outros discursos, não cultos, porém perfeitamente eficientes em diferentes situações e relações autor/leitor entre os quais eles ocorrem, correspondem outros horizontes de expectativa que configuram, por sua vez práticas de leitura literária divergente que a comunidade interpretativa “oficial” considera subliteratura, literatura popular, literatura infantil, literatura de massa etc.

As práticas de leitura devem desenvolver o respeito pela criatividade do leitor, considerando suas diferenças sócio-culturais, sem compeli-lo a respostas sempre uníssonas, como se um texto tivesse apenas só uma leitura, ou mais grave, desconsiderar a leitura se o objeto lido não pertence à classe das ditas “leituras cultas”, como se os dizeres do cotidiano não acrescessem formação e reflexões críticas, também.

Por ser ignorado o caráter multifacetado, dinâmico e interativo da leitura, muitas práticas focalizam apenas a localização de informações. Em vez disso, deveriam, no entanto, serem privilegiadas as atividades que levam o leitor a tecer raciocínios, a elaborar inferências, a construir a

coerência global do texto, a descobrir os efeitos de sentido gerados pelas escolhas lexicais e sintáticas intencionadas de alguém com “*objetivos*”, em dada situação: “Então, para chegar à compreensão não basta interpretar, é preciso ir ao contexto de situação (imediato e histórico). Ao fazê-lo, pode-se apreciar o lugar em que o leitor se constitui como tal e cumpre sua função social” (ORLANDI, 2005, p. 74).

Frente ao exposto é que se propôs a desenvolver um estudo com base na corrente francesa de análise de discurso, compreendendo-se, que, por esta prática, é possível perceber a atividade frente ao texto como uma prática de atribuição de sentidos e não um mero exercício de decodificação de letras e símbolos.

A leitura pode ser um processo bastante complexo e que envolve muito mais do que habilidades que se resolvem no imediatismo da ação de ler. Saber ler é saber o que o texto diz e o que ele não diz, mas o constitui significativamente (ORLANDI, 2000, p.11).

Considera-se, então, que todo texto pertence a ideologias diversas, e a compreensão das ideologias que se marcam lingüisticamente se dá pela construção de uma prática de leitura não reprodutora, mas produtora de sentidos em consideração às condições de produção dos discursos. Ao assumir uma perspectiva discursiva na reflexão sobre aquilo que se lê é necessário esclarecer que a leitura, tanto quanto a escrita, faz parte do processo de instauração dos sentidos e de que o sujeito/leitor tem sua história e é determinado ideologicamente, pois a leitura provoca múltiplos efeitos de sentidos. “Quando se lê, considera-se não apenas o que está dito, mas também o que está implícito: aquilo que não está dito e que também está significando” (ORLANDI, 1987, p.11).

Os diferentes gêneros textuais são contemplados com essa abordagem de ensino, sendo que para tudo isso é preciso que fique claro que o trabalho com a leitura é incompleto dentro dos processos discursivos, o leitor é que deve preencher os espaços vazios que se apresentam, pois estes estão repletos de sentidos. Essa menção aos gêneros é importante, pois os enunciados colhidos de pára-choques de caminhões se configuram como pertencentes a um gênero discursivo.

Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. (MARCUSCHI, 2003, p.22-23).

Sem necessidade de avaliar alguns textos como melhores ou piores ou menos ou mais representativos, vê-se o corpus selecionado (enunciados de pára-choques de caminhões), como parte do nosso folclore, (juntamente com os provérbios) e pode-se classificá-lo como “arte” popular, que, fora de padrões estéticos, estão repletos de efeitos de sentidos, reveladores de práticas sociais que para serem compreendidos, exigem um olhar analítico, que nesse caso, será norteado pela teoria da AD francesa.

O movimento que resulta na constituição de uma nova palavra, a transformação de um sentido, a construção de novas expressões só se tornam lícitos e assumidos pelo grupo se já existiam virtualmente na tradição cultural, se forem resultado de determinadas circunstâncias histórico-sociais (BACCEGA, 1995, p. 45).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“O Discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (Eni Orlandi).

Inicialmente, será esboçado um percurso histórico da Análise de Discurso francesa, procurando-se definir os principais elementos sob os quais esta disciplina se estabeleceu. Sabe-se que a AD surgiu na França, nos anos sessenta do século vinte, tomando o discurso como seu objeto próprio, a partir de três regiões de conhecimento: a lingüística, o marxismo e a psicanálise. E foram os estudos de Michael Pêcheux que forneceram uma base teórico-metodológica para o desenvolvimento da disciplina. Para uma melhor compreensão desse desenvolvimento, expor-se-á, ainda que brevemente, o percurso realizado pela teoria.

2.1 TRÊS FASES DA AD

O objetivo de apresentação das fases pelas quais a disciplina passou é a abordagem em torno do sujeito. Na primeira fase, tem-se que é possível identificar o tipo de enunciado que um sujeito enunciará de acordo com a ideologia a que pertence, pois todo discurso estaria submetido a regras específicas. É dessa perspectiva que se parte da idéia de assujeitamento. De acordo com Possenti (1993, p. 46), “A primeira fase é a que imagina que existe um conjunto de enunciados que compõem um discurso idêntico a si mesmo e diferente de outros no sentido de que o que está contido num discurso está excluído de outro”.

A segunda fase mostra que, o que se imaginava na primeira fase começa a se transformar, pois não existe um discurso uniforme, onde se possa identificar somente elementos constitutivos de um só tipo de discurso, existe sim, a “mistura” de enunciados, como por exemplo, no discurso médico, onde se encontra não só enunciados sobre corpos, saúde, cura, mas sim, há, ali, uma “dispersão” de enunciado, como enunciados relacionados à administração. Esta segunda fase mostra, portanto, segundo Possenti (1993, p.46) “a inexistência da unidade interna dos discursos. (...) vigora a idéia de que o sujeito é uma função e ele pode ter mais de uma”. Evidencia-se, portanto, que o sujeito é um ser atravessado por mais de uma formação discursiva.

A terceira fase trabalha com a idéia da heterogeneidade, isto é, “termo utilizado pela AD para destacar que todo discurso é atravessado pelo discurso do outro ou por outros discursos” (GLOSSÁRIO DE TERMOS DO DISCURSO, 2001, p.17). É nesta fase que se percebe mais claramente a existência da polifonia.

As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos e constituem nele. (ORLANDI, 1987, p.11)

A questão de sujeito para a AD mais ortodoxa mostra que ao enunciar um discurso, aquele que fala é um sujeito assujeitado, isto é, ele

fala a partir de uma ideologia, de uma instituição da qual é apenas porta-voz. Pensa ser o sujeito um ser livre quando de fato não é, pois ele não fala, é um discurso anterior que fala através dele. “Os enunciados não têm origem, são em grande parte imemoriais, e os sentidos que carregam são consequência dos discursos a que pertencem, não de ser ditos por você ou por mim” (POSSENTI, 1993, p.47).

Nesse trabalho, contudo, faz-se a ressalva de que o sujeito, apesar das circunstâncias exteriores que o cerceiam estabelece para si algumas escolhas.

O indivíduo resulta, portanto de vários discursos; é paciente de uma pesada carga social, que atua ditatoriamente sobre cada um. Mesmo assim a subjetividade é única, carrega os traços da especificidade do ser que reelabora essa carga e do universo a que ele pertence, Daí sujeito. (BACCEGA, 1995, p 22)

Segundo Orlandi (2001, p. 21) “A linguagem serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores”.

A ideologia para AD é um elemento determinante do sentido do enunciado e é algo constitutivo da prática discursiva, o sujeito não tem consciência, mas a ideologia está presente em qualquer manifestação discursiva, permitindo sua identificação com a formação discursiva que o domina. Sendo assim, pode-se já definir formação discursiva “como aquilo que numa formação ideológica dada, ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2001, p.43).

Sabe-se que a formação discursiva compreende o interdiscurso que se trata de um atravessamento daquilo que já foi dito e que disponibiliza dizeres determinados em outros discursos.

Na formação discursiva fica implicada uma formação ideológica referente a uma situação de enunciação específica, sendo que formação ideológica é um conjunto complexo de atitudes e de representações não individuais, mas que se relacionam às posições de classes em conflito uma com as outras. De acordo com Orlandi (2001, p. 42-43) “O sentido não

existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam”.

Vale lembrar que o interdiscurso relaciona-se com a memória discursiva, sendo esta que constrói os sentidos, dando a impressão que o sujeito sabe do que está falando no momento de um enunciado, e se forma aí a ilusão de que ele (sujeito) é a origem do que diz. Porém, sabe-se que o sujeito apenas reproduz vozes que se produzem no interdiscurso.

As ilusões não são “defeitos”, são uma necessidade para que a linguagem funcione nos sujeitos e na produção de sentido. Os sujeitos “esquecem “ que já foi dito-e este não é um esquecimento voluntário para, ao se identificarem com o que dizem, se constituírem em sujeito. É assim as palavras adquirem sentido, é assim que eles se significam retomando palavras já existentes como se elas se originassem neles e é assim que sentidos e sujeitos estão sempre em movimento, significando sempre de muitas e variadas maneiras. Sempre as mesmas, mas ao mesmo tempo, sempre outras (ORLANDI, 2001, p 36).

As condições de produção de um enunciado envolvem o sujeito, a memória e a situação. Pode-se considerar as condições de produção em sentido estrito, isto é, o contexto imediato e considerá-la em sentido mais amplo, incluindo, aí, o contexto sócio-histórico ideológico.

A memória tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva. (ORLANDI, 2001, p.31).

Faz-se aqui uma reflexão em torno da questão sobre a autoria, para a AD “Podemos dizer que a autoria é uma função do sujeito” (ORLANDI, 2001, p.74). Segundo a autora, pode-se considerar o sujeito como resultado da interpelação do sujeito pela ideologia, mas o autor, no entanto, é representação de unidade que se delimita na prática social como uma função específica do sujeito. O autor é o sujeito que, sabendo usar certos mecanismos discursivos representa, pela linguagem, esse

papel, na posição em que se constitui, assumindo assim a responsabilidade pelo o que diz. A partir de uma leitura de Foucault, Orlandi (2003) ressalta que embora se saiba que existem discursos que não precisam de autores, eles ainda necessitam de alguém que os assuma em decorrência do processo enunciativo, tais como receitas, conversas, contratos e outros.

Entende-se que o procedimento teórico da AD, atualmente, vem proporcionando reflexões produtivas envolvendo as temáticas sobre leitura/ interpretação/produção de textos e propondo análises que associam o político, o lingüístico, o institucional e o histórico, oferecendo propostas (instrumentos) que permitem promover avanços quanto ao estudo da Língua Portuguesa em relação a prática de leitura.

O presente artigo, pelos subsídios teóricos da escola francesa de análise de discurso visa apresentar uma proposta de leitura e interpretação de textos, valendo-se, portanto, dos fundamentos da teoria apresentada.

O objeto de estudo são quatro enunciados presentes em pára-choques de caminhões, pois compreende-se que as expressões populares constituem um objeto especial de análise, principalmente estes enunciados que são caracterizadores de práticas discursivas que remontam às próprias práticas sócio-culturais desenvolvidas pelos sujeitos de uma determinada sociedade. De acordo com Hill (2006,p.41) “ O tempo age sobre a vida do homem engendrando sua consciência social, que reflete os desempenhos da cultura e da sociedade de uma época”.

A análise dos enunciados expostos nos pára-choques de caminhões poderá demonstrar às várias atribuições de significados e interpretações que geram sentido em função das suas condições de produção, provocando os sujeitos leitores à análise de questões sócio-culturais, por exemplo.

Os discursos vão, portanto, materializar as “visões de mundo” das diferentes classes sociais, com seus interesses antagônicos, os quais se manifestam através de um estoque de palavras e de regras combinatórias que constituem a maneira de uma determinada classe social pensar o mundo num determinado momento histórico: são as várias

formações ideológicas correspondentes às várias formações discursivas (BACCEGA,1995, p.52).

A Análise do Discurso não trata da língua, não trata da gramática em específico, embora ambas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento: “O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: como o estudo do discurso observa-se o homem falando” (ORLANDI, 2001, p.15). A Análise do Discurso procura compreender como objetos simbólicos produzem sentido não a partir de um gesto automático de codificações, mas como procedimento que desvenda a historicidade contida na linguagem, em seus mecanismos imaginários. Dessa forma o fragmentário, o disperso, o incompleto e a opacidade são de domínio da reflexão na análise do discurso.

O que importa são os discursos produzidos na e pela linguagem, as ações que se realizam entre sujeitos situados em um contexto histórico e social, dentro de uma situação concreta de comunicação.

ANÁLISE 1: “Se casamento fosse estrada, eu só andava no acostamento”

Toma-se para demonstração o seguinte enunciado: **“Se casamento fosse estrada, eu só andava no acostamento”**. Inicialmente, observa-se uma busca do humor, pois a “filosofia das estradas” têm como característica principal enunciados bem humorados. Neste caso, o sujeito enunciativo apresenta características de certo grupo social, para quem a prática do casamento não é positiva, pois deixa entrever uma ideologia machista, marcada pela ironia. Afinal, ele (o sujeito do enunciado), prefere ficar no “acostamento”, isto é, solteiro. Pressupõe-se disso que o casamento e, portanto, o convívio com uma mulher como sendo algo não agradável pelas implicações, sobretudo, da ordem do “compromisso”.

Pensando-se nas condições de produção do enunciado em sentido estrito, ou seja, no contexto imediato, tem-se o pára-choque do caminhão, que marca uma relação de co-autoria do dono do caminhão e a

apropriação de uma frase feita pertencente ao dito popular. O que revela um trabalho da memória e de um sujeito afetado pela história cultural onde está inserido, que lhe permite certas práticas discursivas, reveladoras da suas crenças nas instituições de que faz parte. Já as condições de produção, como conceitua a análise de discurso, revela, pelo estudo do enunciado, a visão que o sujeito tem da instituição do casamento (como uma prática ruim, em virtude das analogias irônicas que faz: **casamento x estrada x acostamento**).

Observando-se os efeitos de sentido das palavras **estrada/acostamento**, tem-se de **estrada** como longa, cansativa, sem atrativos, com defeitos (buracos), “sugerindo” que casamento também tenha essa conotação; já o **acostamento** produz um sentido de lugar de descanso, ou de algum “conserto” para algo que não está bem. Então, insinua-se que é melhor ficar no “acostamento” do que transitar em uma “estrada” que não oferece nenhuma novidade para manter a curiosidade de quem está em “trânsito”. Pode-se revelar, ainda, o modo como ele (o enunciador- autor, no caso, o motorista de caminhão) vê o casamento, por exemplo, em função das experiências negativas vivenciadas em família ou em relação ao papel da mulher no casamento, que de submissa passou a independência.

As possibilidades de leitura restritas a três exemplos, neste trabalho, são possíveis, deve-se frisar, em função de se estar considerando as condições de produção dos enunciados que levam os sujeitos a dizerem o que dizem de forma x, revelando, com isso, um outro dizer, o qual pertence ao não dito, mas é constitutivo dos sentidos.

Entende-se, também, que essa é a idéia do grupo social a que pertence o locutor (caminhoneiros), mas, também, a de outros grupos. Havendo diferentes modos de enunciação no mesmo viés do exemplo, que veiculam vozes que manifestam certa concordância com o dito, como se percebe nestes exemplos selecionados aleatoriamente: **“Se casamento fosse bom não precisaria de testemunhas”**, **“Se casar for doença, morro de saúde”**, **“Casamento é a cadeia que se sai antes por mau comportamento”**. Essa dimensão polifônica do discurso nos mostra que um enunciado não revela só a voz de um indivíduo, mas também de um grupo, o que pode ser explicado de acordo com a citação:

Nesta concepção, o texto [no caso os enunciados nos pára-choques de caminhões] é visto como lugar onde os participantes da interação dialógica se constroem e são construídos. Todo texto é, assim, articulação de discursos, vozes que se materializam, ato humano, é linguagem em uso efetivo (DCE/LÍNGUA PORTUGUESA, 2006, p.21).

ANÁLISE 2: “As mulheres perdidas são as mais procuradas “

Como já se disse, os enunciados pertencem a um gênero discursivo específico e são organizados a partir de discursos populares que carregam crenças e conceitos a respeito de como a sociedade pensa.

Pelas relações de força, podemos dizer que o lugar social dos interlocutores (aquele do qual falam e lêem) é parte constitutiva do processo de significação, assim o(s) sentido(s) de um texto está(ão) determinado(s) pela posição que ocupam aqueles que o produzem (os que o emitem e o lêem) (ORLANDI, 2000, p.12).

O corpus foi retirado de um site (www.movelandia.com.br) que divulga uma série de exemplos desse gênero.

Retomando o enunciado escolhido para análise: **“As mulheres perdidas são as mais procuradas”**, com base na teoria da AD francesa, como já foi anunciado, Voese (2004, p.19), afirma ser “O discurso, enfim, apenas resultado de apropriações do instituído social e do uso repetitivo de enunciados já produzidos em dados e diferentes circunstâncias socioculturais e históricos”. A organização discursiva do gênero em questão, e do enunciado em específico, permite uma avaliação, por exemplo, de como se dá à construção da imagem da mulher sob ótica masculina (partindo-se do pressuposto que o condutor do caminhão seja um homem).

Uma primeira reflexão a ser feita sobre o enunciado **“As mulheres perdidas são as mais procuradas”**, diz respeito a sua característica como um texto irônico, e pode-se dizer, também sarcástico, como define Ximenez no Dicionário da Língua Portuguesa (2001, p.510): “Ironia: forma

de expressão em que se comunica o oposto daquilo que as palavras dão a entender.” Sendo que ironia não se encerra em nenhuma definição fechada e definitiva já que é um fenômeno aberto a muitas interpretações e se apresenta de várias formas.

Observa-se nesse tipo de texto de humor a descontração do discurso, mas que não pode, de forma simplista, ser concebido como algo “engraçado”, pois se ele leva ao riso, é porque existe uma forte carga de preconceito, contraste, escárnio, que, se não forem inferidos pelo leitor, provavelmente, não o levará ao riso, correndo-se o risco de sequer ser compreendido.

A compreensão de que se fala relaciona-se à sociedade em que circula o enunciado, pois é ela (a sociedade) que lhe atribui a significação que provoca certo humor, no caso do corpus 2, revelado pela ideologia machista.

Deve-se levar em conta o suporte do texto, nesse caso, trata-se de um discurso disposto num pára-choque de caminhão. Esse suporte também é responsável pela ironia, e, portanto, pela graça do texto, pois é na vida cotidiana do sujeito enunciatador que ocorre a contínua interação, e daí seus diversos efeitos de sentido. Entendendo-se pelo termo como: “Diferentes sentidos possíveis que um mesmo enunciado pode assumir de acordo com a formação discursiva na qual é (re) produzido” (GLOSSÁRIO DOS TERMOS DO DISCURSO, 2001, p.14).

Um exercício a esse respeito poderia ser feito, se pensá-lo, por exemplo, exposto numa sala onde se encontrassem mulheres que sofreram algum tipo de agressão, estando estas, portanto, em estado emocional abalado. Neste caso, constatar-se-ia não um efeito de sentido de graça ou riso, mas diferentemente e muito provavelmente, o de revolta, pois o “momento” das condições de enunciação é outro.

É importante ressaltar que aquele que diz é determinante para o dito ser compreendido de uma forma X ou Y, como afirma Mussalin (2001, p. 133): “Este sujeito, ocupando o lugar que ocupa no interior de uma formação social, é denominado por uma determinada formação ideológica que preestabelece as possibilidades de sentido de seu discurso”. Pois se o enunciado estivesse na voz de um padre, provavelmente, os sentidos

seriam outros (faz-se aqui um exercício semelhante ao da troca de suporte), como o de se ter misericórdia pelas mulheres que vivem em pecado, devendo ser elas procuradas para serem salvas, daí que **“As mulheres perdidas são as mais procuradas.”**

O tom da “graça”, ironicamente atribuído primeiramente, no caso desse estudo, vem das vozes dos sujeitos, ou melhor, da imagem que foi construída daquele que enuncia: afinal, quem é o caminhoneiro? Há vários estereótipos em torno desse sujeito. Segundo Ximenez no Dicionário de Língua Portuguesa estereótipo significa: “Conceito padronizado sobre pessoas, povos, raças, etc.” (2001, p. 374) Em relação ao caminhoneiro, pode-se citar alguns: “mulherengo”, “infiel”, “lobo da estrada”. Cabe aqui a afirmação de Baccega (1995, p.40-41): “Ao falar, o indivíduo leva em consideração o que se pode ou não pode dizer (...) desempenhando seu papel social de acordo com os comportamentos que a sociedade espera dele.”

Retomando o enunciado **“As mulheres perdidas são as mais procuradas”**, entende-se que ele funciona basicamente a partir do duplo sentido que exprime: a) pode-se ler “mulher perdida” como mulheres “extraviadas, sumidas”, que se faz necessário “procurar, e encontrar”, e b), pode-se evocar outra interpretação, sendo que “as mulheres perdidas” são aquelas de “vida fácil”, mulheres sem “moral”, são essas “mulheres as mais **procuradas**”, sendo que a palavra em destaque dá a idéia de “ir ao encontro de”, buscar. Essas leituras justificam o “gesto” de interpretação do analista. Ou seja:

Os analistas do discurso procuram estabelecer (uma relação) entre um discurso e suas condições de produção, ou seja, entre um discurso e as condições sociais e históricas que permitiram que ele fosse produzido e gerasse determinados efeitos de sentidos e não outros (MUSSALIN, 2001, p.112).

Quanto à duplicidade de sentido e o humor, estes estão basicamente no uso do adjetivo **perdidas**, já que é ele que permite a dupla interpretação. Retirado o adjetivo, o enunciado teria outro sentido, observa-se: **As mulheres são as mais procuradas**, com o uso do adjetivo, o enunciado ganha em humor. Percebe-se a ênfase no advérbio

mais: todas são procuradas, mas as “perdidas” são mais, o que permite a leitura de perdição - tentação, devassidão: sexo. Sendo estas as mulheres que os homens procuram, ou pelo menos, alguns homens.

As sociedades e culturas em que vivemos são dirigidas por poderosas ordens discursivas que regem o que deve ser dito e o que deve ser calado, e os próprios sujeitos não estão isentos desses efeitos (COSTA, 2002, p.32).

Ratifica-se a observação sobre a formação discursiva de quem enuncia e carrega as características do grupo social ao qual pertence o sujeito enunciador. Têm-se aí os motoristas de caminhões, que utilizam esse tipo de texto “ordinário” nos pára-choques de caminhões e passaram, ao assumir tais discursos, a representar uma imagem de homem de conceitos machistas. O enunciado demonstra que o sujeito parte de um princípio cultural que, embora não esteja colocado explicitamente, diz serem as mulheres sem preceitos morais (pautando-se no enunciado “mulheres perdidas”), aquelas que os homens mais buscam, solicitam, devido à sua, quem sabe, “vida fácil” e disponibilidade para o sexo.

ANÁLISE 3: “Deixei meu coração no Rio, e também o relógio, cordão, carteira...”

Houve uma época em que enunciados iguais ao citado acima circulavam em grande número pelas estradas do Brasil, denunciando, no caso, um problema social da cidade do Rio de Janeiro, muito conhecida (além das belas atrações turísticas) pela onda de violência e assaltos. Percebe-se, portanto, a crítica social que ele expressa sobre a realidade da vida diária de uma grande cidade que fica evidenciada pelos campos de significações que requerem a inferência do leitor.

O enunciado é elaborado a partir de uma formação discursiva crítica sobre o Rio de Janeiro, pois mostra um problema de grande visibilidade e de conhecimento geral, propiciando uma reflexão em torno de temas como cidadania, educação, segurança.

Em uma sociedade há divisões de classes que implicam certas posições políticas e ideológicas, que, por sua vez, resultam em formações discursivas, mostrando dessa maneira o que pode e deve ser dito, entende-se que há nos discursos o cruzamento de várias vozes e ao mesmo tempo a predominância de um discurso. No caso do enunciado aqui analisado, a violência e o descaso, às vezes, que atingem as grandes cidades ficam evidentes, por exemplo, nos vários meios de comunicação, sendo que os pára-choques servem apenas como suporte.

A produção de enunciados, enfim, deve ser entendida como demarcada por limites sociais e históricos por uma razão fundamental: o mesmo homem que produziu um determinado instituído social, só o fez tendo se apropriado do que já havia sido produzido, o que quer dizer que nenhum ato humano pode se eximir de uma reprodução (VOESE, 2004, p.63).

Se tratando de um enunciado com pinceladas humorísticas, a ironia se faz presente, sendo a mesma uma afirmação de algo diferente do que deseja comunicar, geralmente o contrário.

Numa primeira leitura pode-se entender que o sujeito apaixonou-se por alguém ou pela própria cidade do Rio de Janeiro, por isso a afirmação **“Deixei meu coração no Rio”**, e na seqüência do enunciado, tem-se: **“o relógio, cordão, carteira...”**, reitera-se a possibilidade de leitura, no caso, de que “ele” - o sujeito enunciadador - esqueceu esses objetos citados no Rio de Janeiro, juntamente com a pessoa com quem ele deixou o coração.

Ao observar o enunciado sob outro viés percebe-se a crítica social: **“Deixei meu coração no Rio”** continua demonstrando um carinho por essa conhecida cidade brasileira ou por uma pessoa em específico, mas a seqüência ironicamente mostra a realidade implícita de uma sociedade com problemas, uma realidade imperfeita, diante de uma natureza esplendorosa, mostrando um julgamento depreciativo do lugar. **“E também relógio, cordão, carteira...”** entende-se que o sujeito foi subtraído dos seus pertences e por isso é que deixou “tudo no Rio”. Para se chegar a esse tipo de análise leva-se em conta o contexto amplo da enunciação. É importante frisar que o enunciado em análise permite outras considerações aqui não explícitas, portanto, deve-se atentar para

outras leituras por parte de outros leitores como válidas. “A linguagem não é uma coisa só e nem é completa” (ORLANDI, 2000, p.22).

ANÁLISE 4: “A única mulher que andou na linha o trem matou”

Conforme já foi dito, os enunciados expostos em pára-choques de caminhões geralmente estão impregnados de um certo tom de humor e ironia que representam aspectos da cultura referente ao espaço social a que pertence o locutor. Dessa forma, tem-se, por meio dos enunciados, a explicitação de uma preferência lingüística cuja visão de mundo e da realidade sócio-cultural permitem a expressão de uma dada visão de mundo.

A sociedade funciona no bojo de um número infindável de discursos que se cruzam, se esbarram, se anulam, se complementam: dessa dinâmica nascem os novos discursos, os quais ajudam a alterar os significados dos outros e vão alterando seus próprios significados. Essa dinâmica tem seu momento mais importante quando a materialidade do discurso-texto que circula é captada pelo “receptor”. Este “lê” o discurso a partir do seu universo, também constituído pelo diálogo estabelecido entre discursos (BACCEGA, 1995, p.21).

Para finalizar este texto, apresenta-se a última análise do seguinte enunciado: **A única mulher que andou na linha o trem matou**. Inicialmente, tem-se que o enunciado demonstra uma forte carga machista por parte do sujeito enunciadador que objetiva levar ao riso. Porém, a análise das palavras **“única”, “linha”, e “matou”,** demonstra, através da ironia, certo preconceito ao se dizer que toda mulher tem algo a esconder, sendo esse algo repreensível diante de algum aspecto tido como certo ou errado para determinada sociedade. Entende-se que a **“única”** mulher que não tinha nada a esconder está morta, de **“linha”** subentende-se mulher direita, **“respeitável”, “certa”, “correta”** e outros adjetivos que caibam nesse contexto o trem **“matou”,** portanto, não haveria mais nenhuma com caráter límpido. Volta-se ao início da análise e busca-se refletir sobre o comportamento considerado padrão pela sociedade vigente, o que seria esse **“andar na linha”**? Fazer

somente o que o homem considere certo? Ter o mesmo ponto de vista do sujeito-autor?

Na relação homem/mulher o enunciado deixa clara a visão estereotipada da mulher que “não tem valor”, sendo vista como um “objeto” que o homem (machista) não acredita mais que possa existir: ou seja, nega-se a existência de uma mulher com qualidades e firmeza em suas atitudes, pois o mesmo diz que a “única” que existia morreu atropelada por um trem. “Caracteriza-se aí a falsa supremacia masculina que leva a criação de várias outras construções que possuem o mesmo descaso com a figura feminina, como: “se me vires abraçado com mulher feia separa que é briga”, “mulher é como relógio: deu o primeiro defeito, nunca mais anda direito”, “estepe e mulher é sempre bom ter de reserva”.

Retomando a análise, caso ela (análise) se detivesse apenas nas palavras do enunciado ter-se-ia uma leitura diferente, que ficaria na superfície das evidências, isto é: ler-se-ia ali sobre o grande perigo que é o de tráfegar/andar nos trilhos do trem, sendo ali um lugar para o trem se locomover e não para as “mulheres” percorrerem.

Pode-se afirmar que no decorrer das leituras expostas em pára-choques de caminhões vários enunciados fazem referência a aspectos sexuais, isso já revela questões sobre a sociedade no que diz respeito a um assunto tido como tabu e que passa apenas a circular quando usado para ironizar com o tema (como se dessa forma, em tom de “brincadeira”, falar de sexo fosse possível).

Utilizar a língua envolve mais do que apenas transmitir informações, especialmente quando se descobre que se pode com ela, atuar. E o mal-entendido, o constrangimento, o mal estar e o sofrimento que produzem certos enunciados não podem, pois, ser explicados, apenas, de um ponto de vista lingüístico ou comunicacional porque, em geral, eles são resultados da inobservância de regras sociais que orientam as escolhas lingüísticas como o modo de usá-las. (VOESE, 2004, p. 33)

O corpus selecionado deixa margem para outras leituras, contudo as reflexões feitas podem se constituir num caminho (ou não) para se pensar sobre temáticas referentes à relação homem vs. mulher, que ao serem banalizadas (devido aos espaços de circulação em que estão expostos que

não gozam de status social), tornam-se objetos de pesquisa pertinentes à revelação da cultura de uma comunidade: e isto faz parte do trabalho de interpretação e dos sentidos (às vezes pouco explicitados) que constituem os discursos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O levantamento preliminar de alguns enunciados em pára-choques de caminhões permitiu a análise de algumas frases, que deixou em evidência um discurso machista e possivelmente dominador, embora a primeira impressão fosse de ironia, recurso usual nos textos de humor.

Manifesta-se aí a diversidade cultural e ideológica, valores arraigados, representações estereotipadas, vinculando, assim, uma visão simplificada dos assuntos aqui expostos, talvez, porque, dessa maneira se tornem mais facilmente compreensíveis para interlocutores não especializados. Mostra-se através desses enunciados, por exemplo, que casamento não é algo que traga felicidade para o sujeito que esteja nessa condição, e também fica explícito em um dos enunciados que algumas mulheres estão no caminho do “pecado”, porém, não há relação desse pecado com os homens que as procuram, eles ficam isentos desse “pecado” devidos alguns conceitos que a sociedade onde ele está inserido aceita como atitude adequada à sua masculinidade.

A compreensão de um enunciado com humor, não passa pela decodificação do texto, mas sim pela interpretação. Ao interpretá-lo, estimula-se o questionamento sobre o texto e a descoberta leva a busca de novas leituras de um mesmo enunciado.

O sujeito ao expor um enunciado em pára-choque de caminhão, se transforma em porta-voz de uma coletividade, nem sempre escutada e dispõe, ali, no pára-choque de caminhão, de um local de livre expressão de um grupo social que carrega consigo vários estereótipos, e ao mesmo tempo, às vezes, é submetido a um silêncio forçado, pois a voz da classe social a qual pertence soa baixo, não é ouvida de outra maneira, a não ser, em muitos casos, através do humor nem sempre bem elaborado.

O sujeito do discurso não poderia ser considerado como aquele que decide sobre os sentidos e as possibilidades enunciativas do próprio discurso, mas como aquele que ocupa um lugar social e a partir dele enuncia, sempre inserido no processo histórico que lhe permite determinadas inserções e não outras. Em outras palavras, o sujeito não é livre para dizer o que quer, mas é levado sem que tenha consciência disso (MUSSALIN, 2001, p.110).

Para a realização desse estudo foram mobilizados os pressupostos teóricos fundamentados pela análise de discurso francesa, deslocando-os, para a análise desses enunciados em pára-choques de caminhões, conceitos que permitiram ler a incompletude constitutiva da linguagem. Estas análises têm sua singularidade, porém não são fechadas em si, pois a cada novo olhar podem surgir novos efeitos de sentido.

Nesse trabalho de análise procurou-se centralizar a interpretação e testar conceitos da teoria, cruzando-os nesses enunciados, desvendando o interdiscurso, a ideologia, produção de sentido e a historicidade dos enunciados por hora analisados.

Sendo assim, o ensino de língua materna deve contemplar, em primeira instância, o desenvolvimento de habilidades que levem os sujeitos a interagirem mais e melhor em várias situações de comunicação. O ensino de leitura e de escrita só será efetivo se definido em função de situações específicas de interlocução. Se o texto não existe fora de sua produção ou de sua recepção e o sentido só pode ser construído na interação, uma vez que não está no texto em si, mas depende de fatores de diversas ordens: lingüísticos, cognitivos, socioculturais, interacionais, é preciso ensinar aos leitores estratégias para que consigam mobilizar eficientemente os recursos propiciados pela língua.

Em suma, a Análise de Discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, com ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica em explicar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. Produzem-se assim novas práticas de leitura (ORLANDI, 2001, p.26 -27).

Por fim, deseja-se com este texto provocar os olhares no sentido de que a interpretação/compreensão de discursos nunca estão dados como prontos ou acabados: os sentidos estão em permanente constituição: e serão tantas as re-constituições quantas forem as histórias dos homens e das sociedades. A opção pela análise de discurso é uma tentativa de buscar outras formas de praticar leitura e produzi-la em espaços cada vez mais ocupados por verdades únicas, sejam as enunciadas pelas mídias, seja pela escola. Seja pelos enunciados mundanos, senso comum. Aqueles que passam despercebidos, mas que representam os olhares das massas, como os enunciados expostos nos pára-choques de caminhões.

REFERÊNCIAS

BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e Discurso: história e literatura**. São Paulo: Ática, 1995.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná**. Curitiba, 2006.

FERREIRA, M. C. L. (Coord.). **Glossário de termos do discurso**: projeto de pesquisa: a aventura do texto na perspectiva da teoria do discurso: a posição do leitor-autor (1997-2001); bolsista de iniciação científica Ana Boff de Godoy...[et.al.].Porto Alegre:UFRGS. Instituto de Letras, 2001.

LAJOLO, M. Leitura-literatura:mais do que uma rima,menos do que uma solução. **In**: ZILBERMAN, Regina & SILVA, E. T. da . **Leitura perspectiva interdisciplinares**. 5.ed. São Paulo: Ática, 2005.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade..**In**: PAIVA D.; BEZERRA, M. A.; MACHADO, A. R. **Gêneros textuais & ensino**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MUSSALIN, B. Análise do Discurso. **In:**MUSSALIN, F. e BENTES, A. C. **Introdução à Lingüística:** domínio e fronteiras, v.2. São Paulo: Cortez, 2001.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 2001.

_____. **Discurso e Leitura.** 5. ed. São Paulo: Unicamp, 2000.

_____. O inteligível, o interpretável, e o compreensível. **In:** ZILBERMAN, Regina & SILVA, E. T. da **.Leitura perspectivas interdisciplinares.** 5 .ed. .São Paulo: Ática, 2005.

PÊCHEUX, M. A análise de discurso:três épocas. **In:** GADET, Françoise & HAK, T. **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux.(Trad. Bethânia S. Mariani (et al.). 2.ed. São Paulo: UNICAMP, 1993. (texto AD 3 fases)

POSSENTI, S. **Apresentação da Análise do Discurso.** **In:** Glota, 12. S.José do Rio Preto: Unesp, 1990, p.45-49.

SILVA, Ezequiel Theodoro da . **A produção da leitura na escola - pesquisas e propostas.** São Paulo: Ática, 2005.

VOESE, I. **Análise do discurso e o ensino de língua portuguesa.** São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção aprender e ensinar com textos; v.13/coord.geral Adilson Citelli e Lúgia Chiappini).

_____. **Os Humores da Língua:** Análises lingüísticas de piadas.São Paulo:Mercado de Letras, 1998.

XIMENES, Sérgio. **Dicionário da Língua Portuguesa.** São Paulo: Ediouro, 2001.

